



As casas de Rafael – a subjetivação do “morar” e do “se mudar”

Rafael's houses - the subjectivation of “living” and “moving”

Naida Menezes¹
Priscila Queirolo Susin²

Resumo: Este artigo explora os sentidos atribuídos aos fenômenos do “morar”, “habitar” e do “se mudar” a partir da perspectiva de pesquisa biográfica. Para tanto, afasta-se de conceitos normativos sobre habitação, e observa as experiências de vida de Rafael, um ex-morador de uma das ilhas do Bairro Arquipélago, em Porto Alegre/RS, considerando seu fazer cotidiano e seus processos de ação e interpretação. A abordagem biográfica utilizada foi desenvolvida por Gabriele Rosenthal, e está fundamentada, entre outros, na sociologia interpretativa de Alfred Schütz. A reconstrução da entrevista demonstra que a interpretação sobre a situação de moradia, e sobre os processos de morar e se mudar, se complementam, relacionando experiências intersubjetivas que, a partir da narrativa biográfica de Rafael, envolvem categorias como “família”, “território”, “religião” e “trabalho”.

Palavras-chave: Biografia; Moradia; Território; Interpretação

Abstract: This paper explores the meanings attributed to phenomena such as “to live”, “to inhabit” and “to relocate” from a biographical research perspective. It moves further away from normative concepts on housing, observing the lived experiences of Rafael, a former inhabitant of an island of Arquipélago, in Porto Alegre/RS, considering his daily routine and his action and interpretational processes. The biographical approach used was developed by Gabriele Rosenthal, underpinned, among others, by the interpretative perspective of Alfred Schütz. The reconstruction of the interview points out that the interpretation about his housing situation, and the living and relocating processes are complementary, connecting intersubjective experiences that, from Rafael's biographical narrative, concern categories such as “family”, “territory”, “religion” and “work”.

Key-words: Biography; Housing; Interpretation, Territory

Introdução

Analisar os processos e as dinâmicas referentes à moradia de pessoas de baixa renda faz-se necessário frente aos problemas sociais que englobam o *habitar* nas cidades. Dados de 2016 do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat) apontam para um mínimo de 881.080.000 favelas no mundo todo (UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME, 2016). Na maioria das favelas, existe, sob algum aspecto, a falta de habitabilidade

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.

² Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil.



básica, ou seja, “o conjunto de equipamentos capazes de satisfazer as necessidades essenciais de amparo que têm todas as pessoas” (SALAS, 2003, p. 208).

Oficialmente, no Brasil, as favelas integram o grupo dos chamados aglomerados subnormais, como apontado nas pesquisas do IBGE (IBGE, 2018). Na América Latina, são conhecidas como *barriadas* (Peru), *cantegriles* (Uruguai), vilas de emergência (Argentina) entre outros termos (BARTOLOME; WET, 2000). As favelas recebem muitas outras nomenclaturas. No Rio Grande do Sul, também são conhecidas como comunidades, vilas, ou ainda vilas de malocas, sendo a falta de regularização fundiária uma de suas principais características.

Embora não homogêneas, algumas características frequentes das favelas, especialmente quanto à configuração de sua forma em relação ao território que ocupa, são: a ausência ou baixo índice de saneamento básico, a autoconstrução, a população massivamente de baixa renda das classes D e E, a ausência de regularização fundiária, a vulnerabilidade ambiental, a segregação e a vulnerabilidade social (VALLADARES, 2005).

Existem, no Brasil, vários estudos que relacionam a presença de favelas com aspectos referentes à segregação social (MARICATO, 2003). Também é importante salientar os estudos que analisam projetos de remoção das favelas em um contexto de mercado imobiliário globalizado e de privatização da esfera pública. Maricato (2003, p. 159) afirma:

Quando a localização de uma terra ocupada por favelas é valorizada pelo mercado imobiliário, a lei se impõe. Lei de mercado, e não norma jurídica, determina o cumprimento da lei. Não é por outra razão que as áreas ambientalmente frágeis, objeto de legislação preservacionista, “sobram” para o assentamento residencial da população pobre. Nessas localizações, a lei impede a ocupação imobiliária: margens dos córregos, áreas de mangues, áreas de proteção ambiental, reservas.

Villaça (2011), focado no estudo urbano das capitais brasileiras, principalmente São Paulo, aborda os arranjos sociais complexos da década de 1990, que vão além das ruas ou bairros, abrangendo regiões qualificadas pela segregação de classe. Ele compara a presença e convivência das camadas mais ricas da sociedade com as mais pobres em determinados espaços, considerando dimensões como lazer e trabalho. Suas pesquisas demonstram que os mais pobres concentram suas áreas de trabalho em variados espaços, que se misturam aos territórios de moradia, trabalho e lazer dos ricos. Contudo, apenas quando estão na função de trabalhadores é que encontramos os mais pobres em áreas diversas. Poder-se-ia apontar, ainda, a pouca ou nenhuma interação dos mais pobres com os mais ricos no que concerne à moradia e ao lazer, já que os pobres, frequentemente, moram em locais distantes, enquanto os mais ricos – a chamada classe dominante – têm a tendência de concentrar o trabalho, o lazer e a moradia em um só espaço. Esses espaços recebem mais investimento público porque, conforme destaca Villaça (2011), as classes altas possuem maior poder para influenciar a legislação urbana e o mercado imobiliário:

Ao comandar a produção do espaço urbano, a classe dominante comanda não só a sua produção material e direta, seu valor e seu preço (comandando o mercado imobiliário). Comanda também as ações do Estado sobre esse espaço (legislação urbanística, localização dos aparelhos de Estado, produção do sistema de transportes etc.) e ainda a produção das ideias dominantes a respeito dele. Tudo isso na verdade é o que especifica o espaço urbano (VILLAÇA, 2011, p. 53).

Coelho (2017) aborda os efeitos das políticas de regularização fundiária em relação aos moradores de favelas do século XXI, pós-marco regulatório do direito à moradia³. Seu estudo nos indica que a ausência de processos de remoção de favelas não constitui, em si, como política de apoio aos seus moradores. Para Coelho (2017), embora as iniciativas de urbanização e regularização fundiária promovidas nas favelas tenham melhorado as condições de vida e possibilitado, de certa forma, o direito à moradia, não conseguiram garantir a moradia “adequada”. Também ressalta, a partir de dados da Fundação João Pinheiro, que a inadequação domiciliar superou, em 2012, a falta de moradia no Brasil.

Nesse contexto, analisar os processos e as dinâmicas sociais entre moradores de favelas, focando nas suas estratégias e ações para viver bem, pode contribuir com os estudos que consideram a complexidade das agências e das interpretações dos sujeitos, atentos a necessidade de “superar uma visão estática, taxativa e dicotômica (pobre/não pobre) da pobreza, para assumir uma perspectiva mais dinâmica e processual (SARAVÍ, 2004, p. 34). As experiências humanas em relação ao habitar (interpretação e ação), fazem dos estudos de cunho interpretativo uma porta de entrada para análises aprofundadas sobre moradia e cotidiano que, considerando as inúmeras normativas habitacionais e urbanas, nacionais e internacionais, não partam de uma concepção de moradia adequada já naturalizada ou pré-estabelecida. É neste sentido que a abordagem biográfica apresentada a seguir reflete uma possibilidade de um novo olhar sobre os fenômenos de interesse para esta investigação.

Entrevista narrativa biográfica com Rafael

A abordagem de pesquisa biográfica, conforme desenvolvida pela socióloga alemã Gabriele Rosenthal (2014), pressupõe que o interesse da investigação, independente do tema ou problema de pesquisa, esteja voltado para as interpretações que os sujeitos fazem de suas experiências e a forma como interpretaram e vivenciaram situações biográficas e cotidianas no passado. A entrevista dá ênfase à “abertura”, o que, amparado por conceitos da sociologia fenomenologicamente fundamentada⁴, orienta a fala do biografado a partir de seu próprio sistema de relevância (SCHÜTZ, 1967).

Em relação à análise, o levantamento de hipóteses abduativas é privilegiado. Além disso, são observados mais atentamente os chamados “momentos de inflexão biográfica” e “momentos disruptivos”, que representam situações ou experiências que trazem mudanças significativas para a interpretação dos entrevistados. No que diz respeito aos tipos de resultados esperados, por sua vez, a ênfase recai sobre a forma como o sujeito vivenciou determinadas experiências no passado (análise de dados biográficos), a forma como apresenta essas experiências no presente (análise de texto e de campo temático) e, finalmente, o contraste entre a forma como vivenciou e a forma como apresenta, no presente, suas experiências (análise contrastiva entre vida vivenciada e vida narrada) (ROSENTHAL, 2017).

³ Destacamos que em 2001 foi estabelecido o Estatuto das Cidades “que incorpora a democratização da gestão municipal como diretriz da política urbana e introduz o direito difuso à cidade sustentável no ordenamento jurídico” (ALFONSIN, 2010, p. 96).

⁴ A abordagem biográfica aqui apresentada ampara-se teoricamente, em boa medida, na sociologia fenomenologicamente fundamentada de Alfred Schütz, entre outros autores fundamentais. Devido ao escopo deste artigo, não serão aprofundados estes aportes teóricos, ainda que façamos referência a esses sempre que necessário.

Para este artigo, analisamos entrevista narrativa biográfica de Rafael⁵, nascido na década de 1980, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Buscando a compreensão dos fenômenos “morar”, “habitar” e “se mudar”, seguimos por uma análise sociológica que empregou o tipo de entrevista e de análise conforme descrito acima, seguindo o roteiro de entrevista aberta e o trabalho com levantamento de hipóteses, conforme estruturado nos passos de análise desenvolvidos por Rosenthal (2014; 2017). Além disso, foram consideradas categorias como “família”, “religião” e “moradia”, temas relevantes a partir da fala do entrevistado.

A entrevista com Rafael ocorreu em 2018, em uma praça em frente ao prédio da Prefeitura do município de Porto Alegre. Ele e a família estavam acampados em manifestação pela remoção de suas casas. Moravam em uma das ilhas do bairro Arquipélago e, posteriormente, no Paço Municipal. Manifestavam-se contra o descaso dos agentes do governo com as famílias que perderam suas moradias. Durante vários dias, visitou-se o “acampamento”, observando e conversando com as famílias ali presentes. Também foram realizadas entrevistas abertas e narrativas biográficas, sendo uma delas a de Rafael.

Seguindo a abordagem biográfica, percebemos que o interesse de apresentação de Rafael durante a entrevista era evidenciar, para o entrevistador, que ele sempre foi um “guerreiro”, principalmente por ter vencido *batalhas* para sua sobrevivência. É possível acompanhar essa perspectiva em relação à vida narrada nos relatos que registramos neste artigo.

Um dos estudos que destacamos como fundamental, é a análise fenomenológica de Cristian Norberg-Schulz, que trabalha com a ideia de moradia a partir do conceito de lugar delineado pelas suas características naturais e, ao mesmo tempo, pela agência dos homens em civilização. A ilha, lugar que é foco desse artigo, é pensada enquanto espaço físico, mas também enquanto “caráter”, abrangendo a “atmosfera” da ilha (NORBERG-SCHULZ, 2006). Ambas as dimensões, espaço e caráter, são formadas pelas permanências e transformações de suas características e seus significados a partir do acontecer cotidiano na ilha.

O acontecer cotidiano torna as casas parte de uma rede social formada por vizinhos, parentes e vizinhos/parentes. Marcelin (1999), ao estudar as casas no recôncavo baiano, traz uma definição que contribui para a análise processual das casas na ilha. Segundo ele, a casa seria:

Bem simbólico coletivo, ela se transforma em uma matriz simbólica na qual nascem a coletividade familiar e os mitos de família. A casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas (MARCELIN, 1999, p.36).

As comunidades de baixa renda do bairro Arquipélago têm sido tema de estudo de pesquisas científicas e matérias jornalísticas que analisam seus aspectos socioculturais, bem como as vulnerabilidades a que estão sujeitos seus moradores (BAUER & CARRION, 2016; DEVOS, 2002). Este artigo levanta algumas questões a partir da abordagem de pesquisa biográfica interpretativa, com o intuito de avançar na compreensão da complexidade que envolve a dinâmica do habitar desses

⁵ Para manter o sigilo em relação ao entrevistado e sua família, todos os nomes próprios e sobrenome foram alterados.

ilhéus e, assim, poder subsidiar projetos que contribuam para a permanência e apoio aos moradores de comunidades como a de Rafael, bem como para dimensionar novas possibilidades metodológicas a partir do interesse sobre desigualdades e segmentação socioespacial nas cidades.

Contextos biográficos iniciais

Rafael nasceu em 1988 em uma das cidades que compõe a região metropolitana de Porto Alegre. Ele morava em uma casa com o pai, a mãe e dois irmãos, compondo uma família de baixa renda. O núcleo familiar de sua mãe também morava nessa cidade, o que lhe propiciou o convívio com os avós, tios e primos maternos.

Ao iniciar a entrevista, foi sugerido a Rafael que falasse de toda a sua vida e que ele poderia começar pelas lembranças em relação ao seu nascimento e infância. Ao iniciar o relato, ele pouco se ateu à primeira infância, apenas disse: “Nasci em Terroso⁶, minha mãe é de lá”. Depois dessa afirmação, ele traz, na sequência, o relato sobre a separação dos pais. A única vez que retoma esse período da infância é na segunda parte da entrevista, quando a entrevistadora retoma:

// tu disseste que és de Terroso// sim meus parente, os irmão da minha mãe e eu era de lá, os irmão da minha mãe moram lá, minha avó, meus tio moram lá //o que tu lembra dessa época, como era tua moradia// era bom, era bom, pra lá era um lugar calmo, tudo, entendeu, hoje tudo mudou porque tudo mudou por causa que o prefeito, assim, o país que nós vivemos é só a misericórdia de Deus, porque é pouca vergonha, não tão nem aí pro povo.

Rafael traz informações entrecortadas sobre a infância e logo as abandona para que possa falar da situação que vivencia no presente, a partir de argumentos que, provavelmente, utiliza durante as reuniões e manifestações de luta pela sua moradia. Falar de sua vida na infância pode ser confuso. Essa é uma zona de sua memória que, ao ser acessada, traz sentimentos variados, tais como o de abandono e o de saudade. Esses sentimentos podem levá-lo a evitar recordações em relação à “privação inicial com a mãe biológica” e, como veremos adiante, a posterior transposição da necessidade materna para o pai (CAVALCANTE; JORGE, 2008, p. 273). Contudo, salienta que morava em um lugar “calmo”, e que o espaço de moradia “era bom”. Talvez, de forma latente, esteja comparando com o lugar que passou a morar quando migrou de Terroso para Porto Alegre.

O lugar “calmo” a que ele se refere, é um bairro de pessoas de baixa renda, afastado dos bairros centrais de Terroso, uma cidade que compõe a região metropolitana de Porto Alegre. Sabe-se que nas décadas de 1960 e 1970, com o início do processo de conurbação e crescimento da industrialização fora da metrópole, são organizados loteamentos nas cidades próximas a Porto Alegre (ALONSO, 2008). Esses loteamentos são ocupados por trabalhadores da crescente indústria local, e por pessoas que trabalham na metrópole e não têm condições de pagar por uma moradia na capital.

O modelo centro-periferia se afirma justamente nas décadas de 50 a 70, quando a cidade se expande: trata-se de um processo de expulsão das camadas populares

⁶ Para manter o sigilo em relação ao entrevistado e sua família, o nome dessa cidade é fictício.

das áreas de colonização mais antigas e centrais da cidade para a periferia. Este processo é fortemente dependente de outro processo, da expansão e massificação dos transportes urbanos. Com acesso garantido aos postos de trabalho através das linhas de ônibus urbano, trem e metrô, os trabalhadores passam a comprar seu terreno e construir sua casa onde os preços são mais baratos e acessíveis, nas periferias da cidade. Sem apoio governamental, sem ajuda técnica qualificada, constroem suas casas na base da autoconstrução e do trabalho comunal, em um processo de longo tempo, segundo a acumulação, pingada e esparsa, de recursos (MAFRA, 2007, p. 154).

Essa configuração urbana brasileira, analisada por Mafra (2007), era ainda preponderante em várias cidades que compunham a região metropolitana de Porto Alegre na década de 1990, incluindo o município de Terroso. A proximidade com a capital resulta na condição de “cidade dormitório”, abrigando muitos trabalhadores que realizam movimentos pendulares diários. A periferia de Terroso era então formada basicamente por residências, algum comércio e escolas (GOVEIA, 2018). O adensamento desordenado não previu a existência de áreas públicas, como praças, parques e campos de esporte. O espaço de crianças como Rafael resumia-se às casas, ruas (a maioria pouco movimentada) e o entorno da escola, muito frequentado pelos alunos em turno inverso como local de sociabilidade.

Quando Rafael estava com 12 anos, seus pais se separaram. Esse foi um ponto de inflexão importante em sua biografia porque veio acompanhado de várias transformações em seu cotidiano. Ele e os irmãos foram criados pelo pai, uma vez que a mãe foi embora de casa. Partindo de uma família nuclear tradicional, eles precisaram recompor o núcleo e reinterpretar os seus papéis naquele lar. Sobre esse momento Rafael relata:

E a vida não foi fácil pra nós, ela separou do meu pai, era eu, meu irmão e a minha irmã, eu era pequeno, do tamanho dessa aqui (aponta para filha de 12 anos). Meu pai criou, foi pai e mãe né. Fora os trabalho na vida que a gente passemos né, pra sobreviver e tá aí hoje. Tivemos que lutar pela vida e correr atrás das coisas e tive que ajudar a criar meus irmãos pequenos, a criar eles, meu pai era sozinho.

Rafael, com aproximadamente 12 anos, precisou lidar com suas frustrações em relação à mãe, mas também precisou dar conta do enfrentamento da pobreza e da responsabilidade com o cuidado dos irmãos. Ao dizer “meu pai criou, foi pai e mãe”, ele parece externalizar o pensamento de que apenas os irmãos foram *criados*, não ele. Na condição de filho mais velho, precisava ficar ao lado do genitor, assumindo compromissos antes delegados à mãe. Nessa dinâmica familiar, a relação dele com o pai se intensifica. É provável que o pai, reinventando o seu papel na família, ficasse mais presente em casa para dar conta da criação dos filhos, sendo este um fator positivo naquele contexto.

Quando a vida *se acomoda*, em um novo processo familiar, seu pai resolve casar-se novamente. Esse casamento veio acompanhado de uma mudança de cidade e do crescimento da família.

Depois ele conheceu minha madrasta e teve mais quatro, cinco filhos com ela. Aí viemos pra cá pra Porto Alegre, onde eu conheci minha esposa. Aí fiquemos uns bons anos vivendo aqui. A família passou muito trabalho, como, vamos dizer as-

sim, a vida não é fácil, mas tem que saber viver ela né. Como diz o ditado, tem que saber lutar por ela, que eu acho que um bom guerreiro, um bom soldado nunca desanima de lutar, de sobreviver, né.

Uma das características da narrativa de Rafael é a forma como ele se coloca enquanto “guerreiro”, como alguém que, a partir dos 12 anos, ao lado do pai, *enfrenta* os problemas. Nesse processo, mais uma vez aparece a figura do pai como central. Para as crianças, “o pai representa a possibilidade do equilíbrio pensado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real” (GOMES & RESENDE, 2004, p. 121). Possivelmente, essa interpretação da vida enquanto “campo de batalha” em que ele se vê como um guerreiro, vem da relação com o pai como o seu “superior” nas *batalhas* que enfrentam no cotidiano enquanto família de baixa renda.

A interpretação de Rafael em relação à estrutura familiar sofre revezes com o novo casamento do pai. É possível que Rafael tenha tido dificuldades em “descer um degrau” na hierarquia de “guerreiro”, dando lugar para a madrasta. Soma-se a isto a mudança de casa e a mudança de cidade, saindo de um lugar “bom” e “calmo” para morar em um lugar com estrutura urbana bastante precária.

O período de juventude e o novo contexto urbano e familiar

Nos primeiros anos da década de 2000, Rafael mudou-se com a família para uma pequena favela localizada em uma das ilhas do Delta do Jacuí, no bairro Arquipélago de Porto Alegre⁷. Nessa metrópole, sabe-se que, no ano de 1996, havia 284.922 mil pessoas morando em núcleos e vilas irregulares (SILVA, 2005).

Até o final da década de 1950, para acessar as ilhas direto de Porto Alegre, o transporte utilizado era fluvial. As famílias de ilhéus eram compostas basicamente por agricultores e pescadores que abasteciam os mercados de Porto Alegre (FRANTZ, 2010). Com a construção da Travessia Régis Bittencourt e suas quatro pontes, inaugurada em 1959, criam-se condições propícias para a ocupação espontânea ou compulsória destes locais:

Contribuiu para isso a ação direta do Estado, por meio de desocupações promovidas em razão de grandes obras de modernização e urbanização (a rodovia Porto Alegre-Osório e o Aeroporto Salgado Filho são alguns exemplos) (...). Nesse processo, foram desocupadas vilas inteiras do centro e dos arredores, e muitos moradores levados (ou jogados nas ilhas), como o caso das Vilas Dona Teodora, Areia e Tio Zeca. Quem não podia, ou não queria ir para a distante Restinga, tinha como alternativa as ilhas, que, mesmo sem água ou luz, representavam um local mais próximo de quem trabalhava no centro (BAUER & CARRION, 2016, p. 05).

⁷ De acordo com os dados divulgados pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre o Bairro Arquipélago possui aproximadamente 8.000 habitantes, representando 0,59% da população do município, com área de 44,2 km², representa 9,28% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 188,46 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 7,71% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,03 salários mínimos. Disponível em: <http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regiao=46_9_0>. Acesso em: 20.abr.2019.

Na mesma época em que Rafael e a família vão morar nesta ilha o tráfico organizado de drogas se instala na região. Através de notícias divulgadas por jornais de Porto Alegre⁸ é possível observar que um traficante permaneceu no comando do comércio ilícito de drogas na vila por mais de uma década.⁹A entrada do tráfico na ilha dá-se de forma similar às demais favelas do país. Para Machado da Silva (2010, p. 285), essa presença do comércio ilícito nas favelas tem como um dos fatores geradores a fragilidade dos “sistemas político-institucionais” quanto ao “controle e proteção social (...) serviços públicos deficientes, subalternidade política relacionada a uma incorporação social que ocorreu pela via do clientelismo, longa tradição de informalidade do trabalho, etc.”.

Sendo assim, Rafael, saindo do espaço da infância narrado como “bom” e “calmo”, passa a morar em um lugar que, de certa forma, apresenta duas faces: uma é da estrada, da pobreza material, da falta de regularização fundiária e do tráfico; a outra é a da vegetação, das águas do delta do Jacuí que compõem um ambiente propício ao descanso e à sociabilidade. Os laços comunitários e sociais da ilha são marcados pela presença da grande família que aqui convencionalmente chamaremos de Portela. Essa família carrega consigo o *mito fundador* da comunidade que é majoritariamente formada por descendentes de uma mulher que, em 1974, acompanhada apenas dos filhos, foi a primeira moradora do local. Por muitos anos, a vila era ocupada apenas pela família Portela que, aliás, continuava concentrada em uma parte da vila quando Rafael passa a morar lá.

As vielas de “chão batido” da vila, que se afastam da estrada, geram espaços importantes para as rodas de conversas entre vizinhos e vizinhos/parentes e para as brincadeiras entre seus filhos. É no diálogo entre eles que se organizaram, ao longo da história da comunidade, os movimentos de reivindicação por melhor infraestrutura urbana, incluindo serviços públicos como água canalizada e luz elétrica (PORTO ALEGRE, 1995).

A partir do contraste entre vida narrada e vida vivenciada de Rafael é possível pensar que a ilha simboliza para ele, logo que vai morar lá, algumas perdas importantes. É um território que o afasta geograficamente dos amigos da antiga cidade, e um momento em que se vê sem a estrutura familiar que bravamente conseguiu manter com o pai e irmãos. Depois que a mãe foi embora, consideramos que esse é o segundo momento disruptivo de Rafael, o que é relatado por ele quando fala de sua religião:

//o que você lembra assim do seu início na igreja como é que foi// eu era um jovem que era muito sofrido na vida. Que nem eu te falei, muitas coisas doía na minha vida, ninguém me compreendia. Aí, chegou uma hora que eu fui pra igreja e Deus falou comigo. Deus pôde. Muitos com quem eu falava o meu problema, ninguém podia me ajudar né, que eu era usuário de droga, era drogado entendeu, mas aí Deus, eu peguei e me entreguei pra Deus. Deixei Deus tocar na minha vida e eu me libertei. Chegou uma hora que eu cheguei no meu pai e disse:
– Ó pai não tenho mais solução.

⁸ Realizamos pesquisa na plataforma *online* dos jornais Diário Gaúcho e Correio do povo, ambos editados em Porto Alegre.

⁹ Pesquisa realizada no site da Polícia Civil do Estado do Rio Grande do sul. Seção de Notícias, ano 2009.

– Pra Deus nada é impossível, diz Lucas 1:37, pra Deus nada é impossível – e o pai – não vou te internar numa clínica porque não adianta. Tu vai sair de lá e vai continuar fazendo o que tu faz. Se ajoelha, pede misericórdia pra Deus, vai pra Deus resgatá tua alma, te libertá dessas coisas. Daí eu fui pra igreja, me entreguei pra Deus.

A relação que Rafael estabelece com as drogas e o posterior afastamento delas é influenciada pelo quadro socioespacial em que vive, considerando as dimensões “família, amigos, comunidade” (SCHENKER & MINAYO, 2003, p. 301). Sabemos que já havia traficantes na ilha nesse período e sabemos que aquele era um momento de adaptação ao novo arranjo familiar. Quando Rafael argumenta que as pessoas não o entendiam, refere-se, provavelmente, a julgamentos em relação ao uso que fazia de substâncias psicoativas, sem que houvesse empatia sobre sua “dor”. Podemos dizer que ele vivenciava um processo de vulnerabilidade subjetiva, em que seu padrão de comportamento era significativamente alterado (RECA, 1996).

Levando em considerações a precariedade da saúde pública, da assistência social e psicológica por parte do Estado, em apoio às famílias de baixa renda (KAZTMAN, 2007; MACHADO da SILVA, 2010), foram poucos os ativos com que Rafael pôde contar nesse momento. Os “fatores de proteção” disponíveis foram o apoio paterno entrelaçado à “influência social” da religião (SCHENKER; MINAYO, 2003, p. 301).

Uma hipótese preponderante é de que, ao frequentar cultos evangélicos, em um período em que vivenciava esse momento disruptivo, um momento de “dor”, ele tenha optado por aceitar os “figurativos” ali presentes. Passa a fazer parte de sua vida a dinâmica simbólica-metafórica da linguagem religiosa: “o curso da vida ordinária é rompido, a surpresa jorra. O inesperado acontece, os ouvintes são interpelados e levados a pensar o impensável” (RICOEUR, 2008, p. 189). O impensável, no momento de conversão de Rafael, envolve um ato de interpretação próprio das crenças evangélicas, baseado na esperança a partir de um imaginário de fé e coragem “que privilegia uma visão de mundo como drama, envolvendo uma constante luta entre o bem e mal, entre a vida e a morte, entre a aflição e a cura” (SOUZA, 2007, p. 04).

Nossa análise leva a pensar que novamente o seu papel de guerreiro está posto, mas, agora, não para salvaguardar uma família, como o fez ainda na infância, mas a sua própria vida. Através da igreja evangélica Rafael encontra um sentido perdido com o casamento do pai e a mudança para Porto Alegre. Esse *sentido* também é recurso na luta pela sobrevivência em um contexto de pobreza material, que gera processos sociais desiguais e contraditórios, baseado no “salve-se quem puder” (MICHELOTO, 2008).

Quando o pai o aconselha que se ajoelhe e busque a Deus, Rafael sabe para onde ir: a igreja frequentada pela família – a Assembleia de Deus. Essa, sendo uma das igrejas evangélicas mais antigas do Brasil, possui forte presença nos espaços da periferia ocupados por moradores de baixa renda (SOUZA, 2007). Nessas regiões, os templos são erguidos a partir de uma arquitetura simples que se assemelha, tanto na parte interna como externa, às casas de seu entorno. “Normalmente são erguidos pelo sistema de mutirão, processo que caracterizou a Assembleia de Deus como um todo em suas primeiras décadas” (FARJADO, 2014, p. 13).

É possível que, antes mesmo de entrar no templo evangélico, aconselhado pelo pai, aquela “casa” já representasse a possibilidade de mudança em sua estrutura emocional física e social. O templo

evangélico era, neste caso, uma coisa “tipo ponte”, ou ainda, coisas que “propiciam estâncias e circunstâncias” (HEIDEGGER, 1954, p. 02):

Podemos dizer que só depois de passar pelo templo, que para ele representou uma “casa tipo ponte”, Rafael tenha, de fato, “habitado” a casa do pai e da madrasta na ilha. Nesse momento, ele entra em um contato mais profundo com a *face natural da ilha*, onde também incluímos as famílias que lá habitam, compondo, assim, um ativo importante relacionado à sociabilidade. Rafael descreve momentos de sociabilidade como o “jogo de bolita” com os meninos. Mesmo sendo jovem, ele brinca com as crianças, talvez como uma forma de resgatar o tempo da infância deixado de lado para ser um “guerreiro”, ao lado do pai.

Os ativos “sociabilidade na comunidade” e “cultos no templo evangélico” contribuem para que Rafael vença a vulnerabilidade subjetiva, vivenciando um período de contato com o que chamamos de *face natural da ilha*, que lhe permite acumular vantagens no desenrolar de seu cotidiano (SARAVÍ, 2004). É nesse contexto que ele conhece Salete sua atual esposa:

//Como você conheceu a sua esposa, o que você lembra do primeiro dia que você a viu// A minha esposa? ((risos)) Ah! A minha esposa, nós temos história, temos mais momentos bom do que momentos ruins. Conheci ela, foi lá né, que eu conheci ela, ela me conheceu na rua jogando bolita. Eu tava de bermuda jogando bolita, eu e uns guri jogando bolita, aí eu olhei pra ela, ela me olhou, aí pedi pro irmão dela, o que tava lá morando lá, pra falar com ela, aí ele: “ah, fala tu com ela”. Aí, fui lá e falei com ela que queria namorar. Cheguei na mãe dela e no pai dela, aí a mãe dela deixou nós namorá no sofá ((sua sogra ouve e diz que não foi assim que aconteceu, que falou para Salete que era com ela, achando que ela não ia querer, mas ela aceitou namorar)). Aí até nós fugimos junto, e a sogra chamou os omi pra dizer que eu sequestrei e eu falei que não, não sequestrei. Ela que quis ir embora comigo. Aí a mãe dela falou: “então vamo conversá no sofá – e daí deixou nós namorá – mas não é pra fugi”. Foi onde nasceu minha filha e depois nasceu ele.

A “vida narrada” nos dá a ver a percepção que Rafael tem no presente, em relação ao tempo em que deixou as “calças curtas e as bolitas” para se desafiar no mundo do trabalho e dos compromissos com a família, uma vez que sua namorada logo engravidou. A proximidade da sogra, nesse momento da entrevista, também sucede a uma possibilidade de lembrá-la de que, embora ela não tenha confiado nele, e não fizesse questão do namoro, com o passar do tempo, ele mostrou suas qualidades. Em relação à “vida vivenciada”, ao acompanharmos a família na manifestação realizada na frente da prefeitura, percebemos que Rafael é um *braço direito* da sogra, sendo ela uma das líderes do movimento.

É interessante analisar nesse relato a necessidade do “fugir” com a namorada. Os estudos de Figaro-Garcia (2017) contribuem para pensarmos em hipóteses relacionados ao fenômeno da fuga. Após acompanhar e analisar alguns casos de menores de 18 anos em São Paulo, ela sugere que o *fugir de casa* está relacionado ao enfrentamento de alguns desafios, próprios do período da adolescência, tais como: “as mudanças no real do corpo, o encontro com o outro sexo, a busca de

maior autonomia, lidar com os conflitos advindos do enigma de seu lugar junto ao desejo dos pais” (FIGARO-GARCIA, 2017, p. 46).

Rafael, ao conseguir se desvencilhar do abuso do consumo de drogas, passa a ter uma vida de adolescente protegido pelo pai. Aos 18 anos ele sente necessidade de dar um novo passo, mas talvez se sinta inseguro – especialmente devido à forte relação com a figura paterna. É possivelmente, no encontro com o sexo oposto, que ele encontra motivações para dar início a uma nova etapa. Mas, por outro lado, não sabe como lidar com esse momento. A fuga, nesse sentido, pode ter sido uma forma de chamar a atenção tanto do pai quanto da sogra em relação ao fato de que ele estava convicto de que poderia assumir compromissos, trabalhar, casar.

Quando retornou da “fuga”, começou a trabalhar em uma empresa de serviços de limpeza urbana, e contava com o apoio de sua família e da família de Salete, a namorada, para a aquisição de uma casa, o que se fez necessário devido à gravidez. Esse apoio, só é relatado na segunda etapa da entrevista. Na primeira, devido ao seu interesse de apresentação, o foco está apenas na luta diária:

Conheci minha esposa ali onde nós morava e contruímo nosso lar ali (...) tivemos muitas, muitas lutas. Ora boas, oras difíceis, mas sempre junto na luta (...) nós ali levemo tempo pra construir cada prego, cada madeira, cada coisa! Levamo tempo pra construir as nossas coisa, tivemo luta, guerreamo.

Os elementos simbólicos, que dão significado à sua vida enquanto um *palco de luta*, são trazidos também para a construção da nova casa, da nova família (NORBERG-SCHULZ, 2006). Esses elementos têm origem na *face da ilha* cortada pela estrada, ligada aos momentos de dor e de abuso de drogas. Mas também tem elementos trazidos da casa de sua infância, quando ainda morava com a mãe.

Na segunda etapa da entrevista, quando a pesquisadora pede para que fale sobre o momento em que começou a viver com Salete, ele aborda sobre auxílio financeiro do pai e a contribuição da sogra, que na ilha morava ao lado, e contribuía com a criação dos dois netos. Percebemos, assim, que as dinâmicas familiares nessa comunidade estão claramente ancoradas “nas atividades domésticas do dia-a-dia e nas redes de ajuda mútua” (FONSECA, 2005, p.51).

Compramo uma casinha, não era grandes coisas, né, mas, pra começar a vida. Compramo uma casinha do lado, perto da minha sogra, uma casinha que era de um vizinho nosso. Eu não tinha condições na época né. Meu pai deu uma carroça que ele tinha de entrada pro rapaz lá, e eu trabalhava na limpeza urbana, na época. Aí eu comecei a trabalhar e por mês, a prestação, a casinha. Aí começemo a tocar a nossa vida ali, devagarinho e começemo, né, a se erguer devagarinho. Porque não adianta né, como diz o ditado, o alicerce da casa tem que começar lá de baixo né. Tem que começar devagarinho a vida lá de baixo, tudo é lá de baixo. Depois, devagarinho, Deus vai abençoando. Tamo junto nas horas ruim e nas horas boas. Tamo aí, casal tem que viver assim né, nas horas boas e nas horas ruim.

A casa localiza-se ao lado da sogra, portanto, é construída em uma atmosfera relacionada à outra face da ilha, que é a da natureza, face esta, muito sentida e vivenciada pela família de Salete.

Salete faz parte da grande família Portela cujas casas se estendem pela ilha, muito próximas umas das outras, já que cada filho que se casa constrói sua moradia nas proximidades da casa dos pais.

Embora convivendo com esse “caráter” da ilha, que aqui chamamos de face natural, Rafael não descarta a outra face, porque a vivenciou e a vivencia. Interessante notar que, na primeira parte da entrevista, ao falar sobre o local em que mora, ele afirma: “eu morava ali na estrada, na BR que vai pra Guaíba”. Tanto a esposa como a sogra, que estavam próximas ao entrevistado nesse momento do relato, o repreenderam com veemência, afirmando que eles não moravam em uma estrada, moravam em uma ilha. Rafael concordou com elas, não só porque, de fato, eles moravam em uma ilha, mas provavelmente porque compreende a força da identidade entre a família Portela e a ilha.

A partir da entrevista de um dos irmãos da esposa de Rafael, é possível imaginar não apenas a identidade da família Portela, mas a representação das mulheres da família como elemento de força e liderança:

As minhas outras tias, se tivesse que alevantá uma casa elas alevantavam, se tivesse que desmancha uma casa elas desmanchavam né. Então pra fazê uma casa elas não dependiam de homem, né, elas iam lá, elas tinham martelo, tinham prego, elas iam remendando ali madeiras né. E eles foram fazendo, eles foram fazendo um barraquinho aqui, outro ali, foram indo né, meu tio também. Foi assim que foi criando a ilha, enchendo de moradia, de moradores ali, daí foi que se formou uma vila assim, cheia de moradores ali.

Rafael afirma, mais de uma vez, que vivenciou, junto com a esposa, “momentos ruins e momentos bons”. Para compor a análise desse relato dispomos das demais entrevistas, com outros membros de sua família. Sabemos, por exemplo, que no cotidiano, as desavenças que vivencia com a esposa são controladas em certas ocasiões pela saída de casa, tendo Rafael uma “casinha” só dele, ali na comunidade. Então, quando briga com a esposa ele não deixa de participar do dia-a-dia da família Portela, e nem se afasta de seus filhos. A nova construção faz parte do habitar da família. O “âmbito do habitar,” de qualquer casa naquele espaço, envolve uma rede muito íntima de conversas, empréstimos, atritos, fofocas e festas (HEIDEGGER, 1954). A família Portela sabe que ele ocupa o pequeno abrigo esporadicamente, em ocasiões de desavença com a esposa, então aquela nova casa foi aceita porque, de certa forma, é mais uma a fortalecer os laços familiares. Portanto, o fio condutor do grupo não são os limites da arquitetura e dos bons costumes, mas os laços invisíveis de vizinhança/parentesco.

Os percursos de Rafael, que envolvem a moradia, são cheios de curvas, idas e vindas e também envolvem, de forma intensa, a dinâmica familiar e profissional que vivencia na ilha. As duas faces da ilha são parte desses deslocamentos e permanências. A face da estrada, relaciona-se ao seu trabalho e ao templo que frequenta; a face natural, se apresenta fortemente pela sua relação com os descendentes da “fundadora da ilha”, como é conhecida a vó de sua esposa Salete. Nesse período de sua vida, Rafael não se sente *em casa*, ele se sente *em casas*: tem o seu lar, tem o templo evangélico, a casa da sogra, dos cunhados, e a *casa/retiro*. Nesse sentido, o seu habitar não é único resultado da forma como se orienta e se identifica com a ilha e seu “caráter” (NORBERG-SCHULZ, 2006).

A remoção

No ano de 2017, quando sua família precisou deixar a ilha, Rafael já estava casado há 11 anos. Ele vivenciava um momento de estabilidade emocional e financeira que, como ele argumenta, se constitui aos poucos, como a casa e seus alicerces. Esses “alicerces” serão um ativo importante nos momentos em que a família permanecerá sem moradia.

Quando o traficante líder da ilha é assassinado, começa a haver violentos confrontos pela disputa do ponto de tráfico de drogas. O fogo cruzado, que resulta dos tiroteios, assusta a grande família Portela. Com a presença do tráfico, eles precisaram se adaptar, mas encontram dificuldade em aceitar a quebra da normalidade, da rotina. Essa quebra resulta, especialmente, dos toques de recolher, das investidas das forças policiais e do perigo de permanecer entre fogo cruzado. Machado da Silva (2007), ao abordar a realidade das favelas cariocas no início do século XXI, analisa esse contexto:

Os moradores de favelas enquadram estas questões a partir de uma preocupação constante com as interrupções na estabilidade das rotinas diárias provocadas pelas frequentes explosões de violência. Sem ser diretamente tematizado, este é o horizonte de atenção que organiza todo o seu discurso crítico “para fora” das favelas, bem como suas atitudes e condutas nos locais de moradia (Ibidem, p. 546).

Em um dia de tiroteio, boa parte da família Portela, incluindo a sogra de Rafael, seus cunhados e familiares, resolve sair da ilha e aguardar o término do confronto longe. Rafael, esposa e filhos também se retiram:

//como foi esse dia em que chegaram lá e não havia mais as casas, o que tu lembra//
nós fomos ver as nossas casas e não tinha nada, em questão de cinco dez minutos derrubaram tudo e levaram numa caçamba grandona. Esse dia nós olhemo assim, não tinha nada, nós se apavoremo! Assim, eles não pensaram nem nas crianças inocentes que não têm nada que ver. Aí, trataram nós pior que, assim, que bicho. Só falaram de boca, porque não tinha nada oficial pra nos tirá dali. Eu falei: “porque vocês não pararam num lugar pra primeiro fazer as casas e botar o pessoal direitinho? Ou porque não pediram pro pessoal tirar as casas e as telhas e coisa tudo, pra desocupar e fazer noutro lugar”? Nem isso aí pelo menos, nem conversar eles conversaram, chegaram quebrando tudo, entendeu (...) aí chegou, nós começamo a passa trabalho, dormir na rua, em baixo de lona, e calçada e chuva, rato, polícia em nós, rato. Bah! Foi terrível!

Poucos dias depois da remoção, Rafael participou de uma pequena manifestação dos moradores da ilha na frente da Prefeitura de Porto Alegre. A partir dessa manifestação, 14 famílias, incluindo a do entrevistado, foram encaminhadas por agentes do Município para um prédio abandonado em que havia funcionado uma escola.

Sobre os meses em que moraram na escola, Rafael relata: “não tinha condições de morá, tudo rachado e ia desabá por cima de nós, tudo rachado assim, vazamento, chovia na rua e alagava tudo por dentro, as peça tudo, molhava cama, roupa tudo, a energia elétrica lá dava cada curto”. Depois disso, abandonam o local devido às más condições do prédio, mas também pela pressão

dos vizinhos para que eles e seus “lixos reciclados” saíssem, uma vez que estavam trazendo animais peçonhentos para o bairro. Então, as 14 famílias resolveram acampar na frente da Prefeitura para cobrar dos governantes o seu direito à moradia.

Rafael, ao abandonar a escola, projeta uma grande mudança na sua vida e da família. Pensa em conseguir aluguel social e, mais tarde, uma casa fornecida pelo governo municipal. Ele entende que se o prefeito permitiu que fossem removidos da ilha, agora deveria tomar providências, porque essa seria sua obrigação.

Para Rafael, a vida é luta. Antes de ser removido da ilha essa luta era atenuada pelo habitar que se tornou acolhedor entre as casas por onde transitava, entre as duas faces da ilha. Ao abordar sua relação com os transeuntes que desaprovam o acampamento, ele argumenta:

Nós sempre trabalhava pra ter nossas coisa tudo, pra sustentar os filhos, cuidar tudo. Aí, passa um aqui e diz: “há, é uns bando de vagabundo não sei o que”. Entendeu? Mas não sabe o que se passa na nossa vida. Criticar é fácil, eu falo assim: “imagina se fosse tu no nosso lugar que perdesse todas as coisa, que perdesse a tua casa e não tivesse lugar pra botar os teus filhos pra dormir. Vocês pelo menos tem um lugar pra dormir e nós que não temo”? Às vezes eu falo pras pessoas, passam debochando, rindo de nós e eu: “é, não é tu que tá na nossa pele, os filhos dormindo no frio, na chuva”. Dói né?

Os processos de deslocamentos involuntário de moradia, organizados pelos governantes de Porto Alegre nas últimas décadas, geralmente relacionados a reformas urbanas, costumam reassentar as comunidades (SANTANA, 1997; VIANA, 2006; SOARES 2014). Os cidadãos conhecem esses processos e observam pela cidade as remoções de outras comunidades. Rafael, ao falar com os responsáveis por sua remoção, pergunta porque não construiriam casas para eles antes de retirá-los. No caso da ilha, quem executou a demolição das casas fora a empresa concessionária responsável pela estrada e terreno adjacente. Os agentes da prefeitura afirmaram não ter ligação com a remoção, e tentaram não se envolver nesse assunto¹⁰.

Passadas algumas semanas na frente da Prefeitura, Rafael entendeu e externalizou, durante a entrevista, que o prefeito, embora trabalhasse “ali”, estava praticamente alheio à luta de sua família. Contudo, como se considera um “bom guerreiro” e, como ele diz, “um bom soldado nunca desanima”, ao falar sobre esse momento de confronto, afirmou:

Tamo aí nessa luta, pelejando pela nossa moradia, fomos na defensoria pública (...) agora é esperando em Deus isso aí né, pela nossas moradia. Botar nossas criança e tocar as nossas vida né, entende? Fazer as nossas vida de novo, continuar a nossa luta, e do resto que Deus nos de saúde e graça pra caminhar mais milha na presença dele.

Heidegger (1954, p. 6) salienta que “construir não é, em sentido próprio, apenas meio para uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar”. É possível que a determinação de Rafael para enfrentar esse momento de precariedade seja influenciada pela sensação de que aquele acampamento “serve para seu habitar”, faz parte dessa construção. Na interpretação de Rafael, *bem alicerçada*,

¹⁰ Informações pesquisadas nos veículos de comunicação *online*: Correio do Povo, Diário Gaúcho e Sul21.

a partir da luta pelos seus direitos, eles voltarão a ter uma casa. É como ele diz: “o alicerce da casa tem que começar lá de baixo né, tem que começar devagarinho”.

Considerações finais sobre o morar e o se mudar

Analisamos neste artigo o desdobramento temporal da representação e agência de Rafael em relação à moradia (em especial à relação com a moradia na ilha), buscando alinhar as suas vivências cotidianas com dinâmicas sociais relacionadas ao contexto socioeconômico.

Enquanto acampado, Rafael manifesta a vontade de ter um lugar para “colocar os filhos para dormir”, além de ter “um endereço”, porque não consegue trabalho na construção civil se não tiver um endereço:

perdi casa, perdi endereço, não tem lugar, não tem como tomar um banho também (...) nem chuveiro tem pra tomar banho, nem uma luz, nada o cara tem. A gente só queria o nosso lar, viver o que nós vivia né, no nosso cantinho, tranquilo, trabalhar né, honestamente que nem nós trabalhava pra ir adquirindo as coisa, entendeu?

Ao dizer o que *não tem* no acampamento, Rafael reforça o que para ele é importante. Além disso, nos permite compreender as formas como significa a habitabilidade de uma casa: para além dos aspectos mínimos de conforto, salienta a necessidade do “lugar”, e do “cantinho”. Bachelard (1989, p. 146), na obra “A poética do Espaço”, afirma que os cantos de uma casa são espaços de reclusão, de *não pensamento*. Sob muitos aspectos, o canto vivido rejeita a vida, oculta a vida. O canto assim é uma negação do universo.

A partir da análise desta narrativa biográfica, foi possível considerar que as formas possíveis de habitar estão para além do que conceitos normativos sobre moradia pretendem esboçar. Isto porque a interpretação sobre casa e o ato de morar se complementam, envolvendo processos de intersubjetividade a partir de dimensões como família, território, religião e trabalho. O caso de Rafael, morador da ilha, envolve essas categorias vivenciadas e a experimentação do espaço enquanto “coisa com sentido”. A ilha não é apenas concretude geográfica, mas *lugares* significados de formas distintas a partir de cada etapa ou ação biográfica.

REFERÊNCIAS

ALONSO, José Antônio. Gênese e Institucionalização da Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre, abril de 2008. **Textos para Discussão FEE**, n. 29. Porto Alegre, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARTOLOME, Leopoldo J.; WET, Chris de *et al.* Displacement, Resettlement, Rehabilitation, Reparation and Development. **World Commission on Dams**. March.2000.

BAUER, Márcio André; CARRION, Rosinha da Silva Machado. Conflitos na gestão social do território: uma análise a partir da organização dos ilhéus em Porto Alegre. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, jul./set. 2016. <https://doi.org/10.1590/1679-395131559>

BRASIL. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Brasil em Síntese** – Porto Alegre/RS. 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-egre/panorama>. Acesso em: 28.ago.2018.

CAVALCANTE, Cinthia Mendonça; JORGE, Maria S. B. Mãe é a que cria: o significado de uma maternidade substituta. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, abr./jun. 2008. <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2008000200011>

COELHO, Cláudia Bastos. **Melhorias habitacionais em favelas urbanizadas**: impasses e perspectivas. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. <https://doi.org/10.11606/d.16.2018.tde-08062017-103739>

DEVOS, Rafael Vitorino. **Uma Ilha assombrada na cidade**: estudo etnográfico sobre cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha grande dos Marinheiros, Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. Assembleia de deus no brasil: uma igreja que cresce enquanto se fragmenta. **Azusa**: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 5, n. 2, 2014.

FIGARO-GARCIA, Claudia. O ato de fugir de casa na adolescência: algumas hipóteses a partir de casos atendidos no projeto Caminho de Volta. **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 13, p. 45-59, nov. 2016/abr. 2017. <https://doi.org/10.17852/1809-709x.2019v-12n23p45-59>

FRANTZ, Pedro Saldanha. **Carroceiros do delta do Jacuí**: um olhar a partir da Lei dos Carroceiros, Porto Alegre/RS. Trabalho de Graduação (Disciplina de GEO01128) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. <https://doi.org/10.29289/259453942018v28s1059>

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O Pai Presente: O Desvelar da Paternidade em Uma Família Contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, maio/ago. 2004. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722004000200004>

GOVEIA, Larissa. **Campos da Fazenda**. Ocupação de vazio Urbano em Cachoeirinha. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. <https://doi.org/10.29289/259453942018v28s1059>

HEIDEGGER, Martin. **Construir, Habitar, Pensar**. Segunda Reunião de Darmstadt. Vortäge und Aufsätze, G.Neske, Pfullingen, 1954. Disponível em: http://www.fau.usp.br/wp-content/uploads/2016/12/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf. Acesso em: 02.mai.2018. <https://doi.org/10.18830/issn2238-362x.v6.n1.2016.01>

KAZTMAN, Rúben. La calidad de las relaciones sociales en las grandes ciudades de América Latina: viejos y nuevos determinantes. **Pensamiento Iberoamericano**, Madrid, n.1, segunda época, p. 177-205, 2007.

MACHADO da SILVA, Luiz Antonio; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545-591, set./dez. 2007. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922007000300004>

MACHADO da SILVA, Luiz Antonio; LEITE, Márcia Pereira. “Violência urbana”, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, Maio/Ago. 2010. <https://doi.org/10.1590/s0103-49792010000200006>

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. **Análise Social**, Lisboa, v. XLII, n. 182, p. 145-161, 2007.

- MARCELIN, Lois Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999. <https://doi.org/10.1590/s0104-93131999000200002>
- MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, IEA USP, v.17, n.48, p.151-166, 2003. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142003000200013>
- MARTINS, Cristina Maria dos Reis. Caracterização da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Textos para Discussão FEE**, Porto Alegre, n.112, 2013.
- MICHELOTO, Antônio Ricardo. Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade. **Interações – Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 97-112, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Cristian. O fenômeno do Lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura**. São Paulo: Cosac Naif, 2006.
- PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Cultura. **Arquipélago: as ilhas de Porto Alegre – Memória dos Bairros**. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.
- RECA, Inés. **Famílias nucleares pobres: vulnerabilidades y fortalezas**. Santiago de Chile: U.ARCIS, 1996.
- RICOEUR, Paul. **A hermenêutica Bíblica**. São Paulo: Loyola, 2008.
- ROSENTHAL, Gabriele. **História de vida vivenciada e história de vida narrada**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.
- ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa Social Interpretativa: uma introdução**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- SALAS, Julián. Tugurización y necesidades de habitabilidad básica, rémoras a la cohesión social en Latioamérica. **Pensamiento Iberoamericano**. Cohesión Social en Iberoamérica, Madrid, n. 1, p. 207-230, segunda época, 2003.
- SARAVÍ, Gonzalo. Segregación urbana y espacio público: los jóvenes en enclaves de pobreza estructural. **Revista de la CEPAL**, Santiago del Chile, n.83, p. 33-48, agosto 2004. <https://doi.org/10.18356/f9966207-es>
- SCHENKER, Miriam; MINAYO, Cecília de Souza. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciências e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 299-306. Rio de Janeiro, 2003. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232003000100022>
- SCHÜTZ, Alfred. **The Phenomenology of the Social World**. London: Heinemann Educational Books, 1967.
- SILVA, Jacqueline Severo da. **Irregularidade fundiária e usucapião especial urbana: ruptura com a tradição jurídica de proteção à propriedade privada? A experiência de Porto Alegre (1989-2004)**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- SOUZA, Sueli Ribeiro Mota. **Em diálogo com Deus: a construção de “self” entre mulheres pentecostais**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME – UN-HABITAT. **Slum Almanac 2015 2016** - Tracking Improvement in the Lives of Slum Dwellers. Nairóbi: UNON, 2016. Disponível em: <https://unhabitat.org/slum-almanac-2015-2016/>. Acesso em: 02 jun. 2018.
- VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com** (Locais do Kindle 3245). FGV. Edição do Kindle, 2005.

VILLAÇA, Flávio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, 2011. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142011000100004>

Recebido: 28/05/2019

Aceito: 04/12/2019

Biografia do Autor

Naida Menezes

Graduada e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8514-6903>; EMAIL: contato@naidamenezes.com

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Localização: Av. Ipiranga, 6681 –Partenon – Porto Alegre/RS

Priscila Queirolo Susin

Psicóloga pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Ciências Sociais pela PUCRS. Doutora em Ciências Sociais pela PUCRS, pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1957-1634>; EMAIL: pri.qsusin@gmail.com

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Localização: Av. Ipiranga, 6681 –Partenon – Porto Alegre/RS